

ENTREVISTA POR *E-MAIL*: PRAGMÁTICA DE UM GÊNERO (DES)CONHECIDO OU PROBLEMAS COMUNICATIVOS NA VARIAÇÃO DO GÊNERO

Adair Bonini¹

Resumo

A análise de gênero como fomentadora de discussões no campo dos estudos lingüísticos, do modo como está estruturada, constrói uma epistemologia que põe a parte fatores subjetivos da estruturação dos gêneros. Embora parta de um estatuto interacional, marginaliza problemas de convencionalização e uso de gêneros, uma vez que não se atém aos aspectos individuais dos usuários da língua, perdendo de vista fatores relacionados à formação e à variação dos gêneros. Neste sentido é que o presente artigo se propõe a investigar o percurso interacional de um evento comunicativo particular frente a um gênero que pode ser caracterizado como emergente. A peculiaridade do caso estudado está no fato de que não é a comunidade discursiva que parece estar detendo um papel principal na formatação da “entrevista por e-mail”, mas o próprio embate dos interagentes com a novidade apresentada: uma mídia que impõe um padrão diferente de interação e formas textuais que o respeitem.

Palavras-chave: análise de gênero; interação; entrevista; jornalismo.

Abstract

The genre analysis as a stimulator of discussions in the field of linguistic studies, in the way that it is structured, constructs an epistemology that separates the subjective factors of genre structuring. Though it arises from an interactional statute, it disregards the problems of convention and use of genre because it does not consider the individual aspects of the language users and, in this way, lose sight of the factors related to the formation and to the variation of genre. In this sense, the present article proposes to investigate the interactional path of a particular communicative event in regard to a genre that can be

characterized as emergent. The particular aspect of the case studied resides in the fact that the discourse community is not the one that seems to be playing the principle role in formatting of the “interview by e-mail” as a genre, but the “fight” of the interactors with the novelty presented: a media that imposes a different pattern of interaction and textual forms that respect it.

Key words: interaction; genre analysis; interview; journalism.

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, o gênero textual tem se tornado um dos tópicos mais evidentes nos estudos lingüísticos. A grande quantidade de estudiosos do assunto e o crescimento da discussão fizeram inclusive emergir uma área específica de pesquisas: a análise de gêneros.

O trabalho de Swales (1990) tem sido a base teórica principal dos estudos e discussões apresentados. O mérito principal de suas formulações está no fato de conceber a língua como fato social, estabelecendo um programa de pesquisas de certas coerências interdisciplinares que ampliou bastante o escopo dos estudos lingüísticos e introduziu um elemento de transformação da própria visão de língua, ao levar em conta, prioritariamente, não os componentes estruturais de seu sistema interno, mas as propriedades panorâmicas do gesto interativo.

As grandes virtudes do trabalho fundador de Swales, como não poderia ser diferente, abrem alternativas de pesquisa, mas desvelam também problemas, quando não no âmbito geral da compreensão do objeto língua, na adequação da metalinguagem utilizada. O fato de a análise de gêneros produtivamente estudar a língua como interação não a tem impedido de manter uma concepção positivista de pes-

¹ Doutor em Lingüística, bolsista do CNPq.

quiza, muito próxima daquela desenvolvida pelos primeiros estruturalistas. O texto continua sendo visto como unidade que pode ser descrita e manipulada objetivamente sem se levar em conta a subjetividade dos interactantes.

Apesar da revisão recente de Swales do conceito de comunidade discursiva (1992), este continua sendo um ponto frágil da abordagem. A extensão do conceito de gênero também é pouco clara, e toda a ontologia da abordagem parte de uma eliminação de fenômenos avessos à sua possibilidade de coerência.

Detendo-me nestas lacunas, tento, neste trabalho, abordar o aspecto da confrontação individual do interactante com as características de um gênero, conduzindo a discussão para os fenômenos da convencionalização lingüística e da habilidade comunicativa, o que toca de perto questões de aprendizagem e de criação. Faço, assim, um estudo de caso em que o desconhecimento do gênero constitui-se como um elemento dificultador do êxito comunicativo.

O objetivo central do trabalho é percorrer a sistemática interna do gênero entrevista, tentando perceber fatores do indivíduo implícitos ao seu funcionamento, nos sentidos de criação e uso.

2 EMBASAMENTO TEÓRICO

Para Swales, um gênero é um elemento concreto que emerge na interação comunicativa de uma comunidade discursiva. Sua constituição reflete os padrões de interação próprios da comunidade, no sentido de que representa eventos comunicativos a partir dos propósitos compartilhados entre os indivíduos participantes. As manifestações de um gênero decorrem de sua convencionalização dentro da comunidade discursiva, mostrando funções, posicionamento e uma forma característica. Mais especificamente, o conceito de gênero diz respeito à forma e ao conteúdo característicos de um texto, aos propósitos comunicativos que encerra e ao seu percurso social. Apresenta cinco características, quais sejam: 1) representar eventos comunicativos; 2) servir a certo conjunto de propósitos comunicativos compartilhados; 3) apresentar variação de prototipicidade entre seus exemplares; 4) ter seu conteúdo, posicionamento e forma limitados por conhecimentos e convenções relativos à totalidade de seus elementos; 5) apresentar um nome específico dentro da comunidade discursiva.

O conceito de comunidade discursiva, por sua vez, é um grupo de indivíduos comunicativamente interagentes que possa ser especificado por deter: 1) um conjunto de objetivos detectáveis; 2) mecanismos de intercomunicação entre seus membros; 3) um conjunto de propósitos que move os mecanismos participatórios; 4) uma utilização seletiva e evoluinte desses mecanismos; 5) um léxico específico em desenvolvimento; e 6) uma estrutura hierárquica explícita ou implícita que controla o processo de entrada na comunidade e a ascensão dentro dela.

O gênero textual descrito dentro desta proposta apresenta, assim, uma configuração processual (em um sentido de ação retórica), refletindo todo o processo social envolvido na comunicação que encerra.

Aplicando estes conceitos, Alves da Silva (1991) realiza um estudo da entrevista para tentar uma caracterização como gênero. A autora se atém à entrevista científica, utilizada por estudiosos como técnica de pesquisa. Não faz menção à entrevista como gênero de outras comunidades discursivas como “a dos jornalistas”.

Alves da Silva estudou três entrevistas de três informantes diferentes, em português, com duração média de 15 minutos, realizadas por duas pesquisadoras em um estudo de marcadores conversacionais. Partindo de manuais de pesquisa, a autora concebe a entrevista como “uma conversa orientada para um objetivo definido: recolher, através do interrogatório do informante, dados para a pesquisa” (Cervo e Bervian *apud* Alves da Silva, 1991).

Entende a comunidade discursiva do gênero como circunstancial já que, formada pelas pesquisadoras e pelo informante, se dissolve quando acaba a entrevista, na medida em que o sujeito não faz parte da comunidade acadêmica.

O estudo dos dados revelou uma estrutura textual composta de três categorias: a introdutória, a tópica e a de fechamento (v. fig. 1). A categoria principal é a tópica, pois encerra o objetivo da entrevista, à medida que é o objeto de análise e, geralmente, a parte publicada.

Categoria 1 - introdutória

- saudação
- definição do objetivo da interação*
- pedido de cooperação
- configuração da cooperação*

Categoria 2 - tópica

- pergunta*
- interrupção
- resposta (com ou sem emissão de reguladores verbais)*

Categoria 3 - de fechamento

- manifestação de aceitação do que foi dito
- agradecimento
- fechamento da entrevista
- sinal de cortesia

Figura 1: Modelo da entrevista científica (adaptado de Alves da Silva, p. 35). (= categorias obrigatórias)*

O caso em estudo no presente trabalho está relacionado a uma entrevista jornalística para a qual não encontrei uma descrição dentro da abordagem de gêneros. Consultados também dois manuais de redação jornalística, dos jornais O Estado de São Paulo (1990) e Folha de São Paulo (1987), no primeiro, não encontrei uma definição ou caracterização da entrevista enquanto texto e, no segundo, somente uma definição bastante genérica que afirma: “é o diálogo entre o jornalista e o personagem da notícia” (p. 153).

Ambos os manuais privilegiam o estabelecimento de técnicas que são explanadas de um modo bastante disperso, no sentido de que misturam questões de interação, de formatação gráfica e de utilização dos aparatos técnicos de auxílio.

Para fins deste trabalho, então, optei por uma adaptação do conceito de Cervo e Bevia (acima citado) com base nas informações que constam nos manuais de redação jornalística. Nestes termos, uma entrevista jornalística é uma conversa orientada para um objetivo definido: recolher, com finalidade de publicação, opiniões, idéias, pensamentos e observações de uma fonte informativa humana através de interrogatório.

O esquema textual da entrevista jornalística também, creio, não diferirá muito daquele apresentado para a entrevista científica, com exceção do quarto item da primeira categoria, pois, como este tipo de atividade jornalística já é bastante conhecido na sociedade, não há a necessidade de se configurar a cooperação.

3 CARACTERIZAÇÃO DO CASO EM ESTUDO

O objeto de estudo deste trabalho é uma seqüência de quatro *e-mails* que trataram assuntos relativos à publicação de uma entrevista e foram trocados entre o repórter Osmar Gomes do jornal “A Notícia” de Joinville-SC e a cantora e compositora Rita Lee.

O que torna este material objeto de indagação acadêmica é o fato de que revela um insucesso comunicativo, devido a ambos os interactantes não estarem perfeitamente familiarizados com a formatação da comunicação na mídia que estavam utilizando.

Os *e-mails*, na ordem como foram trocados, apresentam o seguinte conteúdo e função:

- 1) visando a publicação de uma entrevista no jornal, contém um pedido de entrevista feito pelo jornalista e um bloco de perguntas;
- 2) demonstrando o aceite por parte da cantora/compositora em participar da entrevista, apresenta um comentário inicial sobre o modo como as perguntas foram respondidas e o bloco de questões respondidas uma a uma;
- 3) tentando contestar o modo como as perguntas foram respondidas e desfazer a impressão ruim que a entrevistada teve do entrevistador através das questões, contém as reações do jornalista ao modo como as perguntas foram respondidas e justificativas ao modo como foram formuladas;
- 4) tentando justificar as respostas dadas na entrevista, contém os contra-argumentos da entrevistada.

O fracasso do ato comunicativo se mostra nos *e-mails* 3 e 4, posteriores à “entrevista” que esteve centrada nos *e-mails* 1 e 2, e parece ter se desencadeado pelo desconhecimento das peculiaridades emergidas na variação do gênero entrevista, e pode ser percebido nas partes do texto em que o repórter constata textualmente ter tido sua face ameaçada (o brio ofendido).

4 CARACTERIZAÇÃO DO INSUCESSO COMUNICATIVO: ANÁLISE DA INTERAÇÃO

Se tomarmos como base o fato de que o propósito do profissional de comunicação era obter uma entrevista para a publicação e o fim foi atingido (v. anexo), não poderemos dizer que houve algum problema na interação ocorrida. Se tomarmos, contudo, o fato de que o repórter demonstra ter realizado um trabalho insuficiente, que possivelmente põe em xeque sua competência profissional, poderemos dizer que houve um problema de comunicação e o resultado final poderia ter sido inclusive um insucesso total do propósito posto: a publicação da entrevista. Duas atitudes poderiam levar a este insucesso total: 1) a recusa, por parte da entrevistada, em responder as questões; 2) a recusa, por parte do profissional, de publicar o material coletado.

O fracasso pode ser considerado, portanto, não como institucional, mas pessoal. Para caracterizar este insucesso, passo a uma análise do trabalho de face realizado na interação.

4.1 Trabalho de face

A face, conforme Goffman (1982), é uma imagem social positiva que o indivíduo constrói a seu respeito a partir das interações comunicativas. Constitui-se de atributos sociais aprovados, formando uma imagem do *ego* adequada a cada situação de interação vivenciada, de modo que se pode falar em substituição da face em eventos comunicativos completamente distintos.

O indivíduo tende a experienciar, na interação, uma resposta imediata à face que expõe. A emoção pode ser boa se a resposta for superior à esperada, ser nula se a resposta corresponder à expectativa e pode ser ruim (no sentido de ofensa) se a resposta não preencher as expectativas mais ordinárias.

As pessoas podem ser desacreditadas socialmente e mesmo sofrer humilhações nas situações em que se encontrem com a face errada ou sem a face. Por isso, a manutenção da face é uma condição da interação. Para Goffman, todo tipo de interação se baseia nas regras de auto-respeito e consideração. Através delas, o interactante protege a sua face e as faces dos outros participantes. Ameaças graves à face podem, não só interromper a interação, como levar os indivíduos à agressão física.

O trabalho de face corresponde às ações que a pessoa desencadeia para tornar o que esteja fazendo consistente com sua face. Envolve também as estratégias empregadas no sentido de contornar incidentes que possam ameaçar a própria face ou as faces de outros participantes.

No caso em estudo, ambos os indivíduos tiveram suas faces ameaçadas ao que cada qual respondeu do seu modo. Enviando perguntas provocativas, o jornalista ameaçou a face da entrevistada que aparenta ser, conforme depreendo do tex-

to, a de uma compositora crítica e criativa que tenta impedir o empobrecimento de seu trabalho pelos rótulos simplificadores e superficiais da mídia. As respostas, como trabalho de face da entrevistada, procuram construir, para o jornalista, uma face de crítico radical e um pouco desinformado, ameaçando, assim sua face profissional que deve ser, nos meios jornalísticos, a de profissional bem informado e hábil no trato com as informações, quer no sentido da veracidade, quer no sentido de não molestar o entrevistado.

Uma das perguntas que parecem ter atingido mais gravemente a face da entrevistada é a de número 4 (v. anexo), quando o entrevistador menciona que alguns críticos consideram sua produção musical em parceria com o marido (Roberto de Carvalho) “àgua com açúcar, sem a tradição de um *rock and roll* de raiz”.

A resposta a esta pergunta traz, entre outros argumentos, a comparação do entrevistador com o apresentador de tevê da década de 70 Flávio Cavalcante, tido como radical e reacionário. A entrevistada tenta comparar a expressão “tradição de um *rock and roll* de raiz” com o comportamento do apresentador de quebrar discos do cantor Gilberto Gil por terem pouca brasilidade e muita americanização.

Em certas respostas, a entrevistada chega a ser bastante agressiva, como por exemplo na 12 (v. anexo). Conclui seu texto com uma expressão que indica claramente o quanto sua face esteve ameaçada: “[...] se perguntar não ofende, responder também não”.

Nos *e-mails* 3 e 4, posteriores à entrevista, há uma tentativa de salvar as faces, embora com uma boa dose de ironia de ambos os interactantes. O jornalista inicia afirmando:

(1) “Descobri que entrevista por e-mail é complicado. Sabe por quê? O entrevistado fica sem fôlego, sem qualquer possibilidade de réplica²”.

Com relação à comparação com Cavalcante, também, afirma:

(2) “Levei um susto, mas não perdi a calma quando vc comparou minha desprezível observação, *rock de raiz*, ao comportamento do fanático/fantástico Cavalcante. Orra meu, pega leve, dá um tempo. Fiquei chateado, mas foi publicado na íntegra, em nome da Ética, Democracia e Liberdade de Expressão. Não queria provocar a ira da feiticeira do rio Tietê”.

Rita Lee responde:

(3) “Vamos fazer o seguinte da próxima vez... você manda uma primeira leva de perguntas e eu respondo, daí você manda suas réplicas e eu respondo, daí a gente fica mais soltinhos... tenho feito muitas entrevistas assim, compreendo que você tenha se sentido

sem fôlego mas não concordo que manipulei nada, apenas respondi com a maior das boas vontades porém puxando a sardinha para o meu lado, não te conhecia, lido com todo tipo de inquisição e para não ir pra fogueira logo de cara tratei de apagar seu fogo como pude”.

E conclui:

(4) “[...] bom saber que no fundo no fundo somos dois irmõzinhos que quase saíram no tapa por causa de um simples computador frio e calculista”.

Todas estas citações apontam para o fato de que ambos os interactantes reconheceram um certo insucesso na comunicação realizada. Gomes chega inclusive a afirmar (no ex. 2) que a entrevista só foi publicada na íntegra “em nome da ética, democracia e liberdade de expressão”.

Tendo as questões em mãos para responder pensadamente, a entrevistada o fez. Com o material da entrevista em mãos, o repórter não fez diferente. Na edição da entrevista, o jornalista procura também salvar sua face frente ao público leitor em um texto de abertura que tenta levar tudo para o lado da brincadeira, uma das estratégias de trabalho de face apontadas por Goffman. Um exemplo do emprego desta estratégia está na frase de abertura: “Rita Lee não perdoa”.

5 GÊNERO TEXTUAL E INTERAÇÃO COMUNICATIVA

O insucesso na interação ocorrida no caso em estudo poderia estar associado a vários fatores. O primeiro deles poderia ser uma intenção clara dos interactantes de ameaçar a face do outro. Não me parece coerente, contudo, a conclusão de que dois profissionais que não se conheçam queiram se agredir verbalmente.

Outro fator de insucesso pode estar relacionado a inabilidades na produção textual. Beaugrande e Dressler (1981) apontam 7 fatores de textualidade responsáveis pela existência de um texto:

- 1) coesão - as dependências gramaticais responsáveis pela unificação dos enunciados;
- 2) coerência - a configuração dos conceitos e relações na estrutura profunda do texto;
- 3) intencionalidade - o preenchimento das expectativas do produtor;
- 4) aceitabilidade - a relevância para o receptor;
- 5) informatividade - a especificidade da informação;
- 6) situacionalidade - a relevância para uma dada situação;
- 7) intertextualidade - a dependência de outros textos produzidos anteriormente.

² As transcrições foram feitas na forma como se encontram no texto original.

Ao que parece, no caso em estudo, nenhum destes fatores foi violado drasticamente. Em todo caso, houve uma quebra relativa com relação à intencionalidade em virtude de o entrevistador não ter conseguido deixar seus propósitos claros, de modo a não ameaçar a face da entrevistada. A intencionalidade difusa, por outro lado, levou a uma leitura um pouco viesada por parte da entrevistada e, em consequência, a uma aceitabilidade fraca e a respostas que demonstram pouca pesquisa por atenuantes nas perguntas.

Outro autor que pode ser levado em consideração com relação a este item é Grice (1975), idealizador das máximas responsáveis por uma interação com êxito. Estas máximas são:

- 1 - seja informativo na medida certa (postulado da quantidade);
- 2 - seja sincero (postulado da qualidade);
- 3 - seja relevante (postulado da relação);
- 4 - seja claro (postulado do modo).

Neste caso, novamente parece que a máxima mal aplicada foi a da clareza. Em virtude de os objetivos do entrevistador estarem pouco claros no texto, sua relevância para a entrevistada tomou um rumo não previsto pelo entrevistador.

De toda forma, mesmo podendo detectar os pontos em que a pragmática textual tenha sido abalada, isto não nos fornece uma explicação sobre as causas do insucesso comunicativo (ameaças graves às faces dos interactores).

Passo, assim, a um terceiro fator: a inadequação ao gênero mediador da interação. Os interactores utilizaram, de vários modos, conhecimentos de outros gêneros (carta, questionário e entrevista) para conduzir o evento comunicativo. Estes conhecimentos, no entanto, não conseguiram cobrir todos os aspectos de uma interação via *e-mail*, mídia a que a sociedade ainda está pouco familiarizada.

A este processo de condução de conhecimentos de outros gêneros para desempenhar comunicativamente em um novo modo de interação, vou imprimir a denominação migração de traços, no sentido de que os interactores tentam, consciente ou inconscientemente, caracterizar o novo objeto verbal, neste caso, a entrevista por *e-mail*.

A função da interação, neste caso, como em qualquer entrevista jornalística, é uma publicação em co-autoria que deve trazer algo de novo sobre o entrevistado. O processo interacional que permeia esta publicação, no entanto, é completamente distinto daquele que ocorre em uma entrevista jornalística padrão, concebida aqui como muito próxima da descrição de Alves da Silva (v. fig. 1). Neste caso, o traço principal da entrevista - o diálogo e, conseqüentemente, sua categoria principal - a tópica - são alterados drasticamente, pois as perguntas são emitidas em bloco.

Os manuais de redação jornalística, pautados em uma interação face-a-face, postulam regras do tipo: seja incisivo e seja cauteloso. É o que se pode verificar nestes fragmentos:

a) ser incisivo:

“Você pode fazer perguntas diretas e incisivas ao entrevistado sem que o clima de cordialidade da conversa seja prejudicado” (O Estado de São Paulo, p. 31). (grifo meu)

“Durante a entrevista o jornalista tem o direito de perguntar tudo, inquirir, reinquirir e contrapor informações fatos e evidências” (Folha de São Paulo, p. 110). (g. m)

b) ser cauteloso:

“Procure evitar atritos com o entrevistado; quem sairá perdendo será sempre o leitor” (O Estado de São Paulo, p. 31). (g. m.)

“[...] não deve agredir o entrevistado” (Folha de São Paulo, p. 110). (g. m.)

Ambos os interactores tinham em mente um esquema textual de entrevista que leva em conta regras como estas pautadas em uma interação face-a-face. Deste modo, acostumados a estas regras, conduziram a interação sem perceber que seu formato era outro, mas sem poder fugir a este novo padrão. O entrevistador, como em uma entrevista jornalística prototípica, elabora questões provocativas para que a entrevistada revele conteúdos novos. A entrevistada, não presentificada, recebe, entretanto, um bloco de questões e faz uma leitura total, interligando-as e extraindo uma interpretação global. Esta interpretação global guia as respostas das questões que, no conjunto, passam a constituir um texto bastante amarrado pelas remissões que são construídas.

Pode-se notar como a Rita Lee, movida por uma interpretação global das questões, constrói respostas interligadas que conduzem a uma interpretação de crítico reacionário para o repórter. A partir do estabelecimento da expressão “*rock and roll* de raiz” como um conteúdo reacionário, na resposta 4, mesmo uma pergunta despreziosa como a 11 poderá receber uma resposta que conduza a este conteúdo, como no fragmento: “[...] apesar de eles não terem agradado seus fãs conservadores... É sempre assim... tem uma meia dúzia de fanáticos que teimam para que eu volte para os Mutantes³!!!” (grifos meus)

Neste caso, portanto, diferentemente da entrevista jornalística padrão face-a-face, as questões não constituem textos isolados que podem ser regulados pelas intervenções do entrevistador, mas um texto único, cuja interpretação sai de seu controle. Ao leitor do jornal, entretanto, o processo interacional estará velado, e sua leitura seguirá os padrões de uma entrevista comum. Ele pode inclusive chegar ao questionamento: “como o jornalista deixou a entrevista chegar a tal ponto?”.

³ Primeira banda da cantora e compositora.

A migração dos traços para caracterizar o novo gênero, durante a interação, ocorreu mais em decorrência dos próprios padrões interacionais postos que em função de conteúdos conscientes dos interatores. Disto decorreram os incidentes na execução. A entrevista desencadeou-se via questionário, mas com vias para uma publicação em formato de entrevista (que pressupõe um padrão face-a-face). Embora tenha elaborado um questionário, o jornalista não se deu conta deste fato, agindo como se houvessem padrões interacionais imediatos.

Neste caso, o entrelaçamento entre as questões, de modo a fechar as possibilidades de leitura, parece ser uma questão de segurança pessoal para o jornalista. Isto, no entanto, não foi providenciado. Neste sentido, também, um dos problemas ocorridos na entrevista é o fato de as questões 6 e 7 estarem em ordem invertida, levando a entrevistada a inferir que o entrevistador não conhece bem a trajetória de seu trabalho musical. Na ordem em que estão postas, as questões levam à conclusão de que o trabalho de Rita Lee imediatamente anterior ao que é alvo da entrevista não tinha a “fórmula básica” do *rock’in roll*, ao que ela responde (resposta 7): “Do jeito que você fala parece que “voltei” à fórmula básica do *rock’n roll* ontem...”. Se estivessem na ordem inversa, esta inferência seria dificultada.

Ainda com relação à migração de traços, como o *e-mail* é, geralmente, um gênero muito próximo de carta pessoal, as respostas ao questionário dadas pela cantora tiveram vieses dessa pessoalidade. A entrevistada, em alguns trechos, ignora que o todo será publicado como uma entrevista. Este tom de carta pessoal fica bem claro neste fragmento da resposta 4: “Quem sabe do meu ‘estilo de produção para o futuro’ sou eu. Se você quiser algo que o satisfaça sugiro que comece a compor seus *hits* desde já, juro que não é difícil”. (grifos meus)

As falhas na condução da interação, devido ao desconhecimento das alterações no gênero, levam, assim, a problemas pragmático-textuais e de ameaças às faces.

6 ENTREVISTA POR E-MAIL: ESBOÇO DE UM GÊNERO

Não posso afirmar que a entrevista por e-mail seja um gênero, porque os próprios jornalistas não o reconheceriam como tal e também porque a pesquisa aqui explanada não se constitui numa descrição aprofundada. Deste modo vou chamá-lo, nos dois sentidos, de esboço de um gênero. Para pensá-la como um (esboço de) gênero, seguindo a metodologia de Swales, vou abordar, assim, a comunidade discursiva e a configuração textual.

Com relação ao primeiro item, assim como Alves da Silva encontrou problemas para dizer que a entrevista científica apresenta uma comunidade discursiva, principalmente no tocante aos participantes do evento comunicativo, possi-

velmente, qualquer texto jornalístico encontrará problemas no tocante à delimitação de sua comunidade discursiva.

Os exemplos de comunidade discursiva explorados por Swales são simples no sentido de que apresentam unidade de propósitos comunicativos e um padrão de interação simples. O exemplo da comunidade de colecionadores de selos (Swales, 1990, p. 27) é um destes casos. Todos os indivíduos têm interesse e conhecimentos a respeito de selos de Hong Kong, de modo que o jornal que divulga as informações (um jornal de cartas) tem seus gêneros formatados com certa autoridade de conhecimento por todos os participantes da comunidade, devido à homogeneidade temática e de papel interacional, no sentido de que todos podem ser escritores e leitores.

No caso de uma comunidade discursiva como a dos jornalistas, não fica claro qual é o papel dos leitores e mesmo se eles podem ser considerados participantes da comunidade, devido à amplitude destes meios. O mesmo se pode dizer dos anunciantes. Por outro lado, mesmo que se diga que os jornalistas são o centro da comunidade discursiva, como poderíamos distinguir os papéis de jornalistas acadêmicos (estudiosos) e de jornalistas de carreira (funcionários de jornais) no tocante à formatação dos gêneros? Até que ponto a prática individual do jornalista de falante comum não está imbuída nesta tarefa?

Ao enquadrarmos a comunidade discursiva dos jornalistas nos princípios apontados por Swales vamos encontrar certas discrepâncias: 1) há um conjunto de objetivos detectáveis, mas que variam bastante de emissores para receptores; 2) não podemos dizer que os mecanismos são exatamente de intercomunicação, mas de comunicação; 3) já que os mecanismos de comunicação não são participatórios, ao menos diretamente, o conjunto de propósitos que os movem não é claramente detectável; 4) há uma utilização seletiva e evoluinte destes mecanismos de comunicação, mas obedecendo a critérios vários, incluindo sempre o valor comercial da informação; 5) há um léxico específico entre os jornalistas, mas seus leitores não tomam contato com ele e, por outro lado, dependendo da especificidade da comunidade de leitores, há um léxico específico do qual o jornalista se apodera, sem se comprometer com ele, para fazer seu trabalho de transmitir informações; 6) a estrutura hierárquica de entrada e ascensão na comunidade também é muito difícil de ser detectada, se há, uma vez que os jornalistas pertencem a um ambiente institucionalizado com passagem pela academia e os leitores claramente não têm acesso a este ambiente, a um mesmo *status* comunicacional.

Visto tudo isso, eu diria que não é possível dizer que haja claramente uma comunidade discursiva jornalística nos moldes de Swales. Há uma estrutura social de organização da interação bastante complexa e assimétrica. Do mesmo modo, contrariando Alves da Silva, não acredito ser possível dizer-se que o entrevistador e sua entrevistada possam ser uma comunidade discursiva *circunstancial*, porque, des-

se modo, estaria tomando os elementos de uma interação particular para caracterizar algo que me parece de uma extensão cultural mais ampla, a comunidade discursiva como entendida por Swales.

A questão então é: se entendo que a comunicação de massa não possa ser descrita através deste conceito de comunidade discursiva, se não entendo que haja uma comunidade discursiva dos jornalista nos termos de Swales, posso dizer que os textos que surgiram e surgem no jornalismo são gêneros? Acredito que sim, mas com outro tipo de descrição do processo social e de interação comunicativa que estabelece estes gêneros, uma questão que ainda merece bastante reflexão.

Quanto às características dos gêneros jornalísticos, por não surgirem em uma comunidade discursiva como concebida por Swales, também não poderão ser definidos exatamente pelas características apontadas pelo autor. No caso específico da entrevista por *e-mail*, menos ainda já que é um esboço de gênero. Em todo caso, é possível dizer-se que há um nome provisório e uma forma que pode ser esboçada a partir do processo de interação estudado.

Seguindo este processo e me inspirando no modelo de Alves e Silva, cheguei a uma estrutura da entrevista como decorrência dos *e-mails* que a subsidiaram (v. fig. 2). O modelo é composto de três etapas, sendo as duas primeiras responsáveis pela construção da parte principal do texto final (na etapa 3), interação tópica transcrita.

ETAPA 1 - L1→L2 <i>E-MAIL 1</i>	ETAPA 2 - L2→L1 <i>E-MAIL 2</i>	ETAPA 3 - L1→Ln TEXTO FINAL
<p>Categoria 1 - introdutória - saudação - definição do objetivo da interação - pedido de cooperação</p> <p>Categoria 2 - tópica - perguntas</p> <p>Categoria 3 - fechamento - agradecimento antecipado - sinal de cortesia</p>	<p>Categoria 1 - introdutória - saudação - aceite de cooperação</p> <p>Categoria 2 - tópica - respostas</p> <p>Categoria 3 - fechamento - posicionamento frente às questões - sinal de cortesia</p>	<p>Categoria 1 - moldura editorial (autorial) - título (síntese que pode ter recursos figurativos) - prefácio</p> <p>Categoria 2 - interação tópica transcrita (co-autorial) - pergunta - resposta</p>

Figura 2: Modelo provisório da entrevista por e-mail. (L1 - entrevistador; L2 - entrevistado; Ln - leitor(es))

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma primeira consideração diz respeito aos elementos que estão em pauta na caracterização de um gênero. Se pensado em um escopo bastante amplo que envolva, no tocante a sua fixação, os processos de convencionalização ligados à criação e à aprendizagem, o gênero necessita de uma descrição de aspectos relativos à psicologia de seus usuários, no sentido de interação, e de uma descrição dos aparatos midiáticos envolvidos na sua estruturação.

Algo que não tem sido levado em conta na abordagem de gêneros é o fato de que os gêneros estão sempre em mutação. Há gêneros firmados e, dependendo do meio social em que estejam inseridos, bastante resistentes à variação. Por outro lado há gêneros em formação e aqueles que são circunstanciais. Além disso, existem gêneros que apresentam uma amplitude social maior que outros, no sentido de que percorrem várias comunidades discursivas.

No mesmo sentido, o conceito de comunidade discursiva merece discussão em termos de seu poder de explicação dos processos sociais de interação, numa relação direta com modo como o conhecimento é distribuído na sociedade, o que envolve, não só os interesses temáticos das diversas classes sociais, mas também as posições de comunicação. Os gêneros não surgem somente em comunidades discursivas como descritas por Swales.

Com relação ao (talvez pseudo) gênero entrevista por *e-mail*, a tendência em perspectiva é, em virtude de ser um bloco de questões que podem ser lidas como um texto único, que ele passe a ter como padrão, em sua categoria tópica inicial (primeira etapa):

- questões mais amenas que não revertam em respostas ameaçantes à face do repórter;
- questões mais interligadas em direção a uma unidade temática, de modo que haja um campo menor de sentidos

dúbios e as respostas possam ser mais previsíveis em termos dos riscos à interação e às faces envolvidas.

Em todo caso, em se tratando destas considerações, o presente trabalho trata apenas um caso específico, o que não lhe permite, devido à ausência de maiores dados e de análises exaustivas, colocar conclusões. Levanta, assim, indagações, que podem até ser contundentes, mas que permanecem neste nível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES DA SILVA, S. 1991. Um estudo da entrevista baseado na análise de gêneros lingüísticos. *The Specialist*, São Paulo: v. 12, n°s. 1 e 2, p. 121-143.
- BEAUGRANDE, R. de; DRESSLER, W. 1981. *Introduction to text linguistics*. London / New York: Logman.
- FOLHA de São Paulo. 1987. *Manual geral de redação*. 2. ed. São Paulo: Folha de São Paulo.

GOFFMAN, E. 1982 On face-work: an analysis of ritual elements in social interaction. In: *Interaction ritual: essays on face-to-face behavior*. New York, Pantheon Books, p. 5 - 45.

GRICE, H. P. 1975 Logic and conversation. COLE, P.; MORGAN, J. *Syntax and semantics*, v. 3. New York, Academic Press Inc., p. 41 - 58

O ESTADO de São Paulo. 1990 *Manual de redação e estilo* (org. e ed. por Martins, E.). São Paulo, O Estado de São Paulo.

SWALES, J. M. 1990 *Genre analysis: english in academic and research settings*. New York: Cambridge University Press.

_____. 1992 Re-thinking genre: another look at discourse community effects. In: *Rethinking Genre Colloquium*. Ottawa, Carleton University.

Texto estudado:

GOMES, O. A santa do quinto dos infernos. *Jornal A Notícia* (Caderno Anexo), Joinville, 31 de janeiro de 1998.

ANEXO

Sinceridade

Rita Lee: “Continuamos lambendo muitas bundas dos gringos”

A SANTA DO QUINTO DOS INFERNOS

As palavras de Rita Lee, como suas letras, misturam humor ácido, a pena da galhofa e a tinta da ironia.

OSMAR GOMES

Florianópolis – Rita Lee não perdoa. Em entrevista por e-mail ao Anexo, respondeu todas as perguntas com muito fôlego e bom humor. Acha reacionário dizer que o seu som, pós-parceria com Roberto de Carvalho, continua “água com açúcar”. Hoje em dia usa outras drogas, como açúcar dietético e as brisas poluídas de São Paulo.

Hoje, a titia do Rock e banda formada pelo “Pai, Filho e Espírita Santa” toca na New Times, boate de Santo Amaro da Imperatriz, na grande Florianópolis, às 23 horas. Oportunidade para conferir hits de todos os 22 anos de parceria com Roberto de Carvalho e os novos do mais recente disco, “Santa Rita de Sampa”, uma homenagem a ela mesma. Navegue os olhos no discurso a seguir, recheado de deboche, ironia e consciência de quem já passou dos 50, viveu tudo e sabe que a vida é bela, como disse um dos fãs de Rita Lee, Cazuza. completa tradução dos quintos dos infernos, num grande paraíso urbano... Não custa sonhar!

(1) Anexo – Em “Santa Rita de Sampa” você homenageia a cidade de São Paulo ou o título é uma auto-homenagem? O que quer falar com Santa Rita, é uma ironia?

Rita Lee – Eu não homenageio São Paulo, é uma auto-homenagem mesmo... considero-me uma santa justamente por conseguir sobreviver na cidade mais feia, suja, violenta, miserável e abandonada do Brasil, Sampa, sem no entanto poluir meu espírito... Feiticeiras envelhecem com sabedoria, ao contrário das peruas que buscam a ilusão das fontes de juventude. Sou uma jovem senhora que opera verdadeiros milagres na minha aldeia transformando poluições em lanças-perfumes, educando três filhos adolescentes nos tempos do Cólera aidético, tentando proclamar a independência dos animais total e irrestrita. Aliás é bom Santa Catarina lembrar que a farrado-boi está proibida nacionalmente... Enfim, minha vidinha como ser humano tem, entre outros, o propósito de transformar Sampa, atualmente a mais completa tradução dos quintos dos infernos, num grande paraíso urbano... Não custa sonhar!

(2) AN – Nos últimos anos da sua trajetória artística, abrir o show da banda Rolling Stones foi um marco fundamental para ganhar fôlego?

Rita Lee – Foi mais um grande prazer do que uma conquista aeróbica.

(3) AN – O rock and roll continua sendo a sua veia mais forte ou o lance é partir para um pop tipo Titãs? Por sinal, o que você percebe nos Titãs de hoje, com “você apareceu do nada...”?

Rita Lee – Quando se tem 50 anos de idade e 30 de estrada os radicalismos da juventude tendem a mudar o vetor para uma sere-nidade musical sem preconceitos, mas se você notar, como boa discípula do Tropicalismo, nunca tive maiores pudores em flertar com todos os tipos de ritmos. Namoro a Bossa Nova, a latinidade, os deboches, as baladas românticas, os caipiras, pops e continuo fã de uma boa pauleira. Rótulos são ótimos para a gente bater no liquidificador e tomar de canudinho...

(4) AN – Seus últimos discos foram produzidos por Roberto de Carvalho e algumas críticas dizem que é tudo muito água com açúcar, sem a tradição de um rock and roll de raiz. O que você acha desses comentários? Você pretende futuramente mudar o estilo de produção e mexer nos arranjos?

Rita Lee – Há 22 anos meu parceiro na vida e na música tem sido Roberto por sorte minha, e se você se refere como “água com açúcar” músicas como “Mania de Você”, “Doce Vampiro”, “Baila Comigo”, “Caso Sêrio”, “Desculpe no Auê”, “Ovelha Negra”, “Bwana”, “Cor de Rosa Choque”, “Lança Perfume”, “Banho de Espuma”, “Chega Mais”, “Vírus do Amor”, “Fruta Madura”, entre outros tantos hits nosso, de duas uma: ou você faz parte dos críticos mal humoradinhos ou o povo continua sendo a voz de Deus... Tradição de um “rock de raiz” soa tão reacionário quanto Flávio Cavalcante na época quando ele quebrava discos de Gilberto Gil dizendo que faltava nele mais brasilidade e menos americanização... O Brasil é um país de misturas finas em todos os níveis e se você notar melhor meus sucessos mais populares nunca foram os rocks radicais, eles sempre vieram na cola das tais “água com açúcar”... Quem sabe do meu “estilo de produção para o futuro” sou eu. Se você quiser algo que o satisfaça sugiro que comece a compor seus hits desde já, juro que não é difícil.

(5) AN – No clipe para divulgar o último disco há uma cena de dois soldados se beijando. Qual foi a intenção de seus produtores com a veiculação dessa imagem? No disco você faz referência à união homossexual? Qual sua opinião a respeito do projeto de união civil entre pessoas do mesmo sexo da Marta Suplicy? Você vai votar nela para o governo de São Paulo? (Nossa senhora! Muitas perguntas ao mesmo tempo, mas mantenha a calma, por favor...)

Rita Lee – Não se preocupe porque não perco a calma quase nunca, a não ser quando o Corinthians marca bobeira... acho que ficou bem claro na letra da música “Obrigado Não” e nas imagens do clip que minha posição é totalmente favorável à união civil gay. Sim, vou votar em Marta para governo de Sampa por saber que mulheres tendem a tomar conta da casa melhor do que os marmanjos.

(6) AN – Você voltou a tocar com banda? Quem tá contigo agora?

Rita Lee – Nunca deixei de tocar sem banda... a não ser num único trabalho que fiz no começo dos 90 chamado “Bossa’n roll”, muito antes dessa onda de acústicos existir, onde fazia o gênero “um banquinho e um violão”. No “Santa Rita de Sampa” tem feras que já estão comigo há séculos: Lee Marcucci (ex-Tutti Frutti) no baixo, Paulo Zinner (Golpe de Estado) na bateria, Mauro e Maurício (Mano a Mano) nos vocais, Carlos PG nos teclados, e a presença do meu filho Beto (Larika) pilotando uma das guitarras e o grande maestro do bom gosto Roberto de Carvalho na outra, enfim. O Pai, o Filho e a Espírita Santa!

(7) AN – Você voltou à fórmula do rock and roll. Com esse retorno, o que você se lembra da experiência com “Bossa’n roll”, show em que estava solo?

Rita Lee – Do jeito que você fala parece que “voltei à fórmula

básica do rock’n roll” ontem... depois do “Bossa’n roll” já montei duas tours com esta mesma banda pelo Brasil todo com “Todas as Mulheres do Mundo” e “A Marca da Zorra”... A experiência do “Bossa’n roll” foi na verdade o pioneiro dos acústicos, modéstia a parte... É que naquela época ainda não existia a MTV registrando bastidores e ensaios dando maior divulgação para esse tipo de evento, eles praticamente oficializaram a fórmula, mas a idéia é desta senhora inútil que vos escreve...

(8) AN – Você usa drogas ainda?

Rita Lee – Às vezes uso açúcar dietético, vitaminas geriátricas, Coca-Cola e cafunço as brisas poluídas do rio Tietê.

(9) AN – E a mulher Rita Lee continua sendo muito amada?

Rita Lee – Meu cachorrinho tem verdadeira paixão por mim...

(10) AN – Como você comemorou os 444 de SP?

Rita Lee – Fazendo shows pelo nordeste com os Titãs, aliás foi uma grande farra, esses garotos não brincam em serviço, a gente os convidou para uma canjinha no “Orra Meu” e eles nos convidaram para cantar “Televisão”.

(11) AN – O U2 lhe interessa? Fale um pouco dessa megaestrela pop dos anos 90?

Rita Lee – Sem dúvida o espetáculo que eles trazem para o Brasil é fantástico, a tecnologia é chapante... Gostei bastante deste último trabalho deles, mais do que os anteriores onde havia uns discursinhos políticos meio chatinhos. Agora esta fase Chemical Brothers (dupla inglesa com estilo tipy hop, uma variante de techno & house) é mais porreta, apesar deles não terem agradado seus fãs conservadores... É sempre assim... tem uma meia dúzia de fanáticos que teimam para que eu volte com os Mutantes!!! Acho, porém, que continuamos lambendo muitas bundas dos gringos, se analisarmos bem eles “roubam” bastante dinheiro e espaço dos artistas brasileiros e não oferecem maiores intercâmbios. Tudo bem que somos “pobrezinhos” em matéria de tecnologia, mas estou falando da música brasileira como sendo nosso maior orgulho fora do país, é bem mais respeitada do que nossa política e bem menos incentivada.

(12) AN – Se você fosse fazer uma crítica ao novo disco de Rita Lee, o que diria, com toda certeza?

Rita Lee – Vamos deixar claro... Meu departamento é de criação e agora você quer que eu faça seu “trabalho sujo”!!! Isso é uma brincadeirinha... não vá perder a calma... só para você ficar bonzinho vou dizer que tudo o que a Rita Lee faz é uma merda, tá bom assim?

P.S. Caso forem publicadas minhas respostas, peço gentileza de não as editar, afinal se perguntar não ofende responder também não, ficamos assim combinados? Beijos e bênçãos de Rita Lee.